
Por uma guerrilha simbólica: do Ur-fascismo ao fascismo algorítmico¹

José Luiz Balestrini Junior²
Universidade Paulista, UNIP – São Paulo, SP

RESUMO

A partir de reflexões sobre os conceitos de guerrilha semiológica e Ur-fascismo de Umberto Eco, assim como de ideias críticas de autores contemporâneos sobre a sociedade mediática, perguntamos: qual seria uma possível ação para a situação atual, na qual a comunicação de massa controlada por algoritmos mantém grande parte da população aprisionada em bolhas que impedem o desenvolvimento do pensamento simbólico? Aprofundamos a discussão definindo o que chamamos de fascismo algorítmico. Propomos também, como ação para a construção de um futuro integrativo e ecológico, o desenvolvimento daquilo que denominamos como guerrilha simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação de massa; fascismo; algoritmo; símbolo; arquétipo.

INTRODUÇÃO

Logo no início de seu ensaio chamado “*Towards a semiological guerrilla warfare*”, título que podemos traduzir como “Rumo a uma guerra de guerrilha semiológica”, Umberto Eco afirma: “Hoje um país pertence àqueles que controlam a comunicação”³ (Eco, 1986, p. 135. Tradução Nossa). O próprio autor também dizia que não estava contando nenhuma novidade com a frase, mas também alertava para o fato de que não eram mais apenas os estudantes de comunicação que pensavam nesse assunto, a população em geral começava a perceber que estávamos entrando na era da comunicação de massa. Esse era um fato importante porque, na opinião de Eco, esse movimento deveria ser acompanhado de reflexões sobre como a potencialidade para a alienação das massas também se alterava junto com as mudanças dos fenômenos comunicacionais.

Alcançando a atualidade, podemos dizer que nos encontramos numa situação hipercomplexa onde o que impera é a informação divulgada diariamente através das mídias de massa (Han, 2022), porém, isso se manifesta numa verdadeira guerra comercial onde os usuários ficam perdidos no meio de um bombardeio de conteúdos, normalmente em formas de imagens visuais (Baitello Jr, 2019). Ampliando o que disse

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPG de Comunicação da UNIP, email: balestrini@lungfu.com.br.

³ No original: “*Today a country belongs to the person who controls communications*”.

Eco, não se trata mais do controle de um país apenas em termos políticos, na era da sociedade mediática o comportamento individual tornou-se a moeda do capitalismo algorítmico (Montaño, 2022), situação em que o indivíduo entrega seu tempo de vida em troca de reconhecimento, validação e simulação de uma existência singular, mas que, através de uma análise mais profunda, é revelada como massificada (Han, 2021).

Uma das estratégias empregadas para a manutenção desse mecanismo é o rebaixamento cognitivo causado pelo funcionamento circular e vicioso das redes sociais e da cultura de massas (Adorno, 2021; Contrera, 2021). Esse movimento acompanha uma diminuição da capacidade imaginativa, fundamental para os processos de resiliência (Cyrulnik, 2001) e de mimese (Wulf; Gebauer, 2004). A imaginação e a criação de narrativas que levem à identificação dos indivíduos com comunidades, assim como o reconhecimento da importância da responsabilidade política e social de cada pessoa, é fundamental para o desenvolvimento de seres humanos que nutram o pensamento integrativo ecológico indispensável para a criação de um futuro sustentável (Balestrini Jr, 2023; Hillman, 1993). Aqui encontramos o problema central que direciona a reflexão proposta nesse artigo: como podemos encontrar alguma ação possível que promova possibilidade de saída para a situação atual, na qual a comunicação de massa controlada pelo funcionamento de algoritmos mantém uma parcela muito grande da população aprisionados em bolhas que impedem o desenvolvimento do pensamento simbólico?

O FASCISMO ETERNO E A CRISE DO PENSAMENTO SIMBÓLICO

Em outro texto importante para a nossa pesquisa, é novamente nos textos de Umberto Eco (2018) que encontraremos a definição do que ele chama de Ur-fascismo, ou o fascismo eterno. De acordo com a nossa visão teórica dos estudos do imaginário, preferimos ampliar essa noção e chamar o fenômeno de fascismo arquetípico (Balestrini Jr; Contrera, 2021), dado que o próprio Eco enumera quatorze características que ele considera arquetípicas para definir o Ur-fascismo. Para o autor, basta que apenas uma dessas características comportamentais surja para que uma aura fascista comece a constelar e funcionar como uma força atratora para que logo as outras também surjam e gravitem em torno do núcleo fascista. Reconhecemos a importância de estudos e pesquisas sobre o funcionamento do fascismo como sistema político, social e cultural, porém, nossa pesquisa está voltada para aquilo que subjaz tudo isso. Como afirmou Wilhelm Reich (1988), enquanto não voltarmos nossa atenção para os elementos

psicológicos atuantes do fenômeno, ele tenderá a se repetir, mesmo que sempre apareça disfarçado de novas formas, como apontam também Eco (2018) quando o autor fala da necessidade de estarmos alertas para o ressurgimento desses comportamentos sob novas vestes em qualquer novo momento da história. Pier Paolo Pasolini (2018) também apontou como, na década de 1960, já não era possível identificar um fascista facilmente, pois estes não usavam mais uniformes, não se distinguindo assim de qualquer outro membro da população. Por isso podemos dizer que nossa abordagem trata do fenômeno em sua dimensão psico-comunicacional e afirmamos a importância que essa interdisciplinaridade tem para que seja possível compreender o esse mecanismo com mais profundidade em sua múltipla complexidade.

As quatorze características listadas por Eco (2018) são: 1) culto da tradição; 2) recusa da modernidade; 3) ação pela ação; 4) desacordo é traição; 5) racismo; 6) apelo à classe média frustrada; 7) obsessão pela conspiração; 8) inimigos são fortes e fracos demais ao mesmo tempo; 9) a vida é guerra permanente; 10) desprezo pelos fracos; 11) cada um deve ser herói; 12) machismo; 13) populismo qualitativo; 14) empobrecimento linguístico. No artigo completo, cada uma dessas características será resumidamente conceituada de acordo com as ideias do autor para que seja possível então atualizá-las alinhadas com a contemporaneidade. Para a nossa pesquisa, o mais importante é mostrar como todas elas tem pelo menos um aspecto em comum: produzir rebaixamento de consciência na população em geral. Essa, em nossa visão, é uma das principais chaves para a compreensão do fenômeno da massificação que vivemos na atualidade. É exatamente o rebaixamento de consciência que está na raiz da crise do pensamento simbólico que leva à população a uma situação de paranoia coletiva (Hillman, 2016). Como consequência, temos também uma crise de empatia (Contrera, 2021), na qual os indivíduos, preocupados apenas com a sua individualidade de forma narcisista (Balestrini Jr; Heller, 2023) acabam por se afastarem de suas responsabilidades sociais e comunitárias (Han, 2017; 2021). Os impactos cognitivos confirmados do uso exagerado das telas pela sociedade mediática apoiam nossa reflexão (Desmurget, 2021).

FASCISMO ALGORÍTMICO

A partir dessas reflexões, desenvolvemos o conceito de fascismo algorítmico que, de maneira resumida, podemos dizer que é o direcionamento do comportamento do indivíduo que é transformado em massa através do funcionamento algorítmico da mídia eletrônica. Escolhemos utilizar a expressão fascismo porque acreditamos que ela define

claramente aquilo que é contrário ao movimento de criação de consciência, ou seja, o rebaixamento cognitivo.

Retornando ao que afirmava Pier Paolo Pasolini, o autor mostrou como o fascismo se disfarçava do que ele chamou de homogeneização da cultura (Pasolini, 2018). Como dissemos antes, embora esse movimento de massificação tenha ganhado outros nomes com o passar do tempo, ele continuou evoluindo, passando pela espetacularização de tudo, inclusive da própria vida, situação em que o mais importante é o efeito que a mensagem causa (Debord, 2005) e não a qualidade ou veracidade do conteúdo que ela carrega (Pennycook; Rand, 2021). Se, como afirmava MacLuhan (1974), a mensagem é o meio, os meios hoje parecem não passar de tecnologia algorítmica. Por isso atualmente imperam as imagens visuais, pois são elas fugazes, velozes e extremamente efetivas para o rebaixamento cognitivo através dos afetos e emoções que eliciam (Baitello Jr, 2014; Han, 2022); na interação super veloz entre usuário e imagens nas redes sociais, não há tempo suficiente para qualquer exercício reflexivo.

Deixamos claro, portanto, que o conceito de fascismo algorítmico não se encontra conectado diretamente com o pensamento político da extrema direita – embora paralelos possam ser traçados a qualquer momento -, mas sim com a manipulação e aprisionamento dos indivíduos em bolhas de pensamento que negam a capacidade de exercício do pensamento crítico. Esse mecanismo pode ser utilizado para fins políticos, sociais e econômicos exatamente através da massificação que causa, porém, se atentarmos apenas para esses aspectos, focaremos mais naquilo que resulta da manipulação atingida através dos canais de comunicação, mas que, em nossa visão, é mais profunda do ponto de vista psicológico, atingindo o imaginário e ultrapassando aquilo que podemos enxergar na realidade. Quando nos atemos somente aos aspectos do real, perdemos algo que foi apontado como fundamental por Reich (1988) para compreendermos a psicologia de massas do fascismo.

GUERRILHA SIMBÓLICA

Retomando o pensamento de Eco (1986), o pensador deixa claro que para ele a mera utilização dos meios de comunicação como ferramenta de resistência contra o pensamento hegemônico pode ter grandes impactos políticos e econômicos, mas não ajuda muito o indivíduo no aprendizado de como lidar com o bombardeamento constante de informação. Sua visão concorda com aquela de Byung-Chul Han (2022),

quando este aponta que na sociedade atual o que impera é o regime de informação. Eco afirma: “A batalha pela sobrevivência do homem como ser responsável na Era da Comunicação não será vencida onde a comunicação se origina, mas onde ela chega” (Eco, 1986, p. 142. Tradução Nossa)⁴. Sua fala revela a necessidade do retorno ao corpo como fundamental no processo comunicativo, como apontou Harry Pross (1972). Porém, para além disso, é a necessidade de comunidade e relação empática que se apresenta como fundamental aqui (Contrera, 2021; De Waal, 2021), pois somente através da relação humana direta é possível atuar mudanças significativas no processo de desenvolvimento social e cultural através da criação de consciência política individual e coletiva.

É nesse sentido que ampliamos a guerrilha proposta por Eco: além de semiológica, ela precisa também ser simbólica. A primeira característica pode ser compreendida como direcionada para a batalha que diz respeito à capacidade interpretativa mais direta das mensagens. Mas quando falamos de simbolismo, nos referimos à capacidade humana de pensar metaforicamente, compreendendo que as imagens e mensagens são sempre muito mais do que aparentam. Elas carregam aspectos e conteúdos inconscientes que só podem ser integrados na consciência quando nos propomos ao exercício do pensamento simbólico (Hillman, 2016; Jung, 2013).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Paz e Terra São Paulo, 2021.
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.
- BAITELLO JR, Norval. **Existências Penduradas - Selfies, Retratos e Outros Penduricalhos**. São Paulo: Unisinos, 2019.
- BALESTRINI JR, José Luiz. **Sonho, Imagem, Imaginação e o Coração Onírico**. São Paulo: Eleva Cultural, 2023.
- BALESTRINI JR, José Luiz; CONTRERA, Malena Segura. A destruição do espírito crítico: uma expressão do ur-fascismo na atualidade. **Revista Mediação**, 2021.

⁴ No original: “*The battle for the survival of man as a responsible being in the Communication Era is not to be won where the communication originates, but where it arrives*”.

BALESTRINI JR, José Luiz; HELLER, Barbara. 46º Congresso da Intercom. Belo Horizonte, MG. **Narrativas mitológicas como documentos de memória: sociedade narcisista**. 2023.

CONTRERA, Malena Segura. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 44, p. 35-49, 2021.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DE WAAL, Frans. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil**. Companhia das Letras, 2021.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. : Edições Antipáticas 2005.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: Por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais**. Vestígio Editora, 2021.

ECO, Umberto. **Travels in hyper reality: Essays**. Houghton Mifflin Harcourt, 1986.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power**. Verso Books, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. Infocracia. **La digitalización y la crisis de la democracia**. 1ª ed. en castellano. Editorial: Taurus, 2022.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. Studio Nobel, 1993.

HILLMAN, James. **Paranoia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. Tipos psicológicos. **Tipos psicológicos**, p. 1-633, 2013.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1974.

MONTAÑO, Abraham González. La rebelión de las máquinas en la trama del capitalismo algorítmico: la democracia acechada. **LOGOS Revista de Filosofía**, 139, n. 139, p. 139-154, 2022.

PASOLINI, Pier Paolo. **Il fascismo degli antifascisti**. Garzanti, 2018.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. The psychology of fake news. **Trends in cognitive sciences**, 25, n. 5, p. 388-402, 2021.

PROSS, Harry. Medienforschung: Film, Funk, Presse, Fernsehen. 1972.

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. 2ª Edição. : São Paulo: Editora Martins Fontes 1988.

WULF, Christoph; GEBAUER, Günter. Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas. **São Paulo: Editora Annablume, 2004.**